

**Noite das Estrelas:  
uma explosão de amor das grafias cosmopoéticas negras  
LGBT+ faveladas**

**Night of the Stars:  
an explosion of love from black LGBT+ favelados  
cosmopoetic spellings**

Wallace Gonçalves Lino<sup>1</sup>

DOI 10.26512/museologia.v1i21.41806

**Resumo**

Este artigo tem a perspectiva de apresentar a “Noite das Estrelas”, antigos shows criados por LGBT+ do bairro Maré, no Rio de Janeiro, durante as décadas de 80 e 90. A abordagem apresenta fragmentos da pesquisa desenvolvida pelo Projeto Entidade Maré desde 2020, na costura de pensamentos de intelectuais negras e negros para estabelecer a Noite como material vivo das grafias e explosões do amor, cosmopoéticas e memórias negras LGBT+ faveladas.

**Palavras-chave**

negras; LGBT+; favela; arte; performance.

**Abstract**

This paper introduces “Night of the Stars”, old shows created by LGBT+ from the Maré neighborhood, in Rio de Janeiro, during the 80’s and 90’s. The approach intends to present fragments of the research developed by Project Entidade Maré in the sewing of thoughts of black intellectuals to establish the Night as living material of the spellings and explosions of love, cosmopoetics and black LGBT+ favela memories.

**Keywords**

black; LGBT+; favela; art; performance.

**Magia Negra<sup>2</sup>**  
(Livia Laso e Wallace Lino)

*Uh uh uh uh uh uh  
Uh uh uh uh uh uh  
Movimento espiralar dança da criação  
Nosso corpo é chave de encantamento  
Asas de quem veio antes tecendo  
A poesia do amanhã  
Eu sou uma constelação encruza fértil só sentir, me rasgo e vibro  
muitas civilizações  
A Noite das Estrelas nasce de uma explosão o escuro do universo  
refletido na minha pele  
Eu atravesso o arco-íris e me abro ao caminho serpenteando os meus  
sonhos  
Nosso lugar é retomada abalamos as estruturas, vamos estilhaçar*

<sup>1</sup> Ator, Diretor, dramaturgo, Roteirista e Educador. Formado em licenciatura do teatro pela UNIRIO, mes-trando pelo Programa do CEFET em Relações Étnicas Raciais. Cofundador e integrante da Cia Marginal desde 2005. Cofundador do Grupo Atiro 2016, atuando como Diretor e Dramaturgo. Cocriador do canal de pesquisa e Comunicação LGBTQIA Entidade Maré 2020.

<sup>2</sup> Magia Negra: Uma das composições que fazem parte do curta performático Noite das Estrelas.

o  
sistema a morte não me contempla  
A pedra foi lançada não retrocedemos mais, minha magia é negra,  
negra, negra, negra  
— Eu sou uma bissexual que nunca esteve no meio do caminho  
— Eu sou uma bixa preta e favelada  
— Eu sou uma travesti retinta da Maré  
— Eu sou uma sapatão preta e macumbeira  
— Eu sou uma bixa preta  
afeminada O amor é  
um caminho sem volta  
Onde primeiro como eu para depois comer o outro  
Meu sabor, o gosto das rugas, olheiras, nariz, boca, qualquer  
cicatriz  
A pinta que dobra nas voltas de um rosto odiado. Amar ele é uma briga  
de 500 anos  
O sabor tem gosto de asas e eu não consigo me comer e me abandonar  
Por isso me como hoje, para me ligar à uma parte do amanhã

Sou bixa preta favelada! Me anuncio nesta escrita por essas palavras na certeza que elas emergem das fricções históricas existentes entre as fantasias, conhecimento e poder que toma à vida cisgênera branca como topo centro das experiências, narrativas e pensamento social brasileiro. As dinâmicas da branquitude carregam nos substantivos que me apresento as adjetivações e signos de todo um sistema moderno de exclusão e morte das experiências negras dissidentes da matriz branca-cisheterossexual vigente. Dessa maneira, suprimo nesta apresentação o uso de vírgulas entre os adjetivos “bixa”, “preta” e “favelada” para exprimir a notificação de um corpo que une, borra e estilhaça os contornos de dominação direcionados a sujeitas que carregam essas categorias identitárias. Numa operação que se desloca dos limites binários do pensamento heteronormativo colonial e de seus sistemas macabros.

Sou *cria* da Maré, o que assenta nesta escrita do meu olhar para a “Noite das Estrelas” a ideia de “afirmar que o amor é uma ação.” (hooks, 2010) Nesta afirmação do amor como ação, desvio das perspectivas românticas em torno da experiência do amor, o apresentando como rota de fuga da dominação e repetição de narrativas de morte sobre a população negra LGBTQ+ da Maré. Utilizo da sigla LGBTQ+ chamando atenção para sujeitas que agregam em suas experiências raça, território, gênero e sexualidade amalgamados às suas existências:

O mais recente uso da sigla LGBTQ se deu em 2019 no voto do Ministro Celso de Mello sobre a criminalização da homo e transfobia, onde se evidencia o entendimento atual do uso da sigla para as Políticas Públicas brasileiras e seus aportes jurídico: “É preciso esclarecer, desde logo, que a sigla dos debates nacionais e internacionais sobre a questão da diversidade sexual e de gênero, tem sido utilizada para designar a comunidade global das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, intersexuais além de outras definidas por sua orientação sexual ou identidade de gênero (BAPTISTA; BOITA; WICHERS, 2020).

No entanto, o artigo se debruça sobre a memória de sujeitas que lutam pela vida e historicamente estão distantes e excluídas dos acessos a direitos e políticas públicas do Estado Brasileiro e dos debates nacionais e internacionais

sendo atravessadas não apenas pelas relações atribuídas ao gênero e sexualidade, mas também pela demarcação sócio histórica existente entre a raça, classe e o território da Maré. Sendo assim adiciono o caráter + ao lado da LGBT para indicar essas existências e interações. Com isso, o amor neste artigo é a efetiva decisão comunitária dessa população em abrir espaços para a vida.

Além disso, morar na Maré possibilitou a experiência de ter sido levado por minha tia Dila<sup>3</sup> para assistir alguns shows durante minha infância. Essa possibilidade de participar como público destes eventos me coloca diante de uma experiência cultural da Maré que ainda não havia visto e vivido antes. Lembro bem de um deles acontecer na rua Flávia Farnese, na Nova Holanda, uma das comunidades do conjunto de favelas Maré.

Era festa junina e um homem no microfone anunciava repetidamente que às 23h começaria o show gay, a “Noite das Estrelas”. A rua estava lotada, estávamos mais pra trás da multidão. Perguntei à minha tia Dila o que era show gay, ao que me respondeu que se tratava de um show de “viado”, de “homem que gosta de homem”. Ela foi a loucura quando Madame subiu no palco. Madame<sup>4</sup>, artista travesti negra retinta, bem alta, muito elegante, mora na ponta da minha rua. Na performance, Madame se movia e dublava a música agitando a plateia, de todas as idades, gêneros e raças distintas. Essas imagens tecidas pela presença do espetáculo, dos gestos estabelecidos da performance abre um universo novo testemunhado pelos meus olhos escrevendo a Noite das Estrelas na minha pele, numa operacionalização limítrofe ao que Beatriz Nascimento no filme “Orí” se refere quando diz que “é preciso a imagem para poder recuperar a identidade. Tem-que tornar-se visível.” Neste sentido, a Noite das Estrelas materializa a possibilidade de construção de imagens e sentidos transgressores para minha própria existência, nas elaborações subjetivas que interligam a sexualidade, raça e território na disrupção do sentido normativo das existências brasileiras.

A pandemia escancarou como a sistematização do racismo e da LGBT+fobias criam uma realidade de extermínio e abandono por parte do Estado brasileiro a estas populações. Em maio de 2020, o isolamento social marca a profundidade das relações coloniais escritas no contemporâneo. Com os cancelamentos dos trabalhos artísticos sob os efeitos da pandemia as áreas das artes, sofreram o impacto desta realidade, do abandono econômico, da incapacidade gestora e governamental em sua posição genocida onde o capital se mantém como precursor e protagonista do idealismo nacionalista brasileiro onde morrer é movimento do lucro.

Durante este período fui passar uns dias na casa da minha irmã, Paulo Victor Lino<sup>5</sup>, a bixa mais marrenta da Maré. Lá traçamos uma nova rota para escapar desta realidade. Passamos dias conversando sobre como a morte era um desenho arquitetado nas conspirações coloniais e contemporâneas para as

---

3 Dila ou Edilamar: é uma mulher negra cis, empregada doméstica, mais velha de seus irmãos. Apesar de não ser minha tia biológica, ela e sua irmã Nega estreitam laços materiais e afetivos com minha família. Cresci achando que elas eram primas de minha mãe o que desde sempre me levou a pensar a ideia de família para além do fator impresso na relação biológica.

4 Madame ou Érika Ravache: é uma das artistas dos antigos shows da década de 80 e 90, ela cedeu entrevista para o Entidade Maré na construção do curta metragem Noite das Estrela, no qual sou pesquisador, roteirista e co diretor. Após as entrevista, convidamos madame para atuar no filme.

5 Paulo Victor: Bixa, preta, moradora da Maré, Ator, diretor, pesquisador e educador. Graduando em História na UFRJ, Vice-presidente no Grupo Conexão, em 2018. Cofundador e integrante do Grupo Atiro, em 2016, atuando como ator. Diretor do Grupo Pantera, 2018, atuando como diretor. Criador do canal de Comunicação Entidade Maré. Educador nos cursos Preparatório para o Ensino Médio e CPV na instituição Redes da Maré

Noite das Estrelas:  
uma explosão de amor das grafias cosmopoéticas negras LGBTQ+ faveladas

corpas<sup>6</sup> LGBTQ+ negras faveladas num país onde o racismo, a LGBTQ+fobia, as políticas públicas para a cultura ainda não é estruturada, as rasuras das nossas existências nas pesquisas, no CENSO<sup>7</sup>, escritos e documentos da memória de construção e formação da Maré são somas e materiais do pacto social que nos mata, as não audiências não são frutos do acaso, é o traço fundado na colonização que persiste no contemporâneo comprometido em nos desmaterializar.

Fugimos dessa sentença, mas fugimos em bonde<sup>8</sup> contando com colaboradores, moradoras, artistas, pesquisadoras, comunicadoras, técnicas das tecnologias e informática para criar o Entidade Maré<sup>9</sup>, o projeto pesquisa narrativas LGBTQ+ da Maré através de entrevistas, fotos e vídeos e apresenta o material coletado através de obras artísticas e de suas redes sociais e do site. Tendo criado desde a sua fundação em 2020 o curta *Entidade*<sup>10</sup>, o *Experimento 10 anos de parada na Maré, uma declaração de amor ao LGBTQ+ da Maré*<sup>11</sup>, *Noite das Panteras*<sup>12</sup>, *Noite das Estrelas* e trabalho mais recente *Meu universo corpa*<sup>13</sup>.

Durante a criação do *Experimento 10 anos de parada da Maré, uma declaração de amor LGBTQ+ da Maré* entrevistamos Gilmara Cunha<sup>14</sup>, travesti preta e favelada Também criadora do Grupo Conexão G, ela conta que criou a Parada LGBTQ+ da Maré na busca de trazer de volta a memória da Noite das Estrelas.

6 *Corpa*: Ouvei o termo pela primeira vez através de Julia Santos, uma travesti negra artista militante, que assim como outras travestis, utilizam do termo “corpa” para designar suas performances desconstruindo na palavra corpo a performance dominante masculina utilizada na língua portuguesa para representar performances diversas. Grada Kilomba na versão portuguesa do seu livro “Memórias da Plantação” insere uma nota chamando atenção para a quebra deste domínio, exclusão e da binaridade nas entranhas da língua portuguesa.

7 *CENSO*: Constitui a principal fonte de referência para o conhecimento das condições de vida da população em todos os municípios do País e em seus recortes territoriais internos, tendo como unidade de coleta a pessoa residente, na data de referência, em domicílio do Território Nacional. Acesso em: 22/03/2001 <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/rendimento-despesa-e-consumo/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=o-que-e>

8 *Bonde*: Gíria de favela para se referir a grupo, pessoas que andam juntas.

9 *Entidade é Maré* - Um projeto criado em de 2020, de pesquisa e escrita territorial, idealizado por Wallace Lino e Paulo Victor Lino, com colaboração de Jaqueline Andrade e Matheus Affonso, com foco nas narrativas de LGBTQ+ da MARÉ. Site: <https://entidademare.com/>

10 *Curta Entidade*: Sinopse: O processo de desmontagem de uma personagem do espetáculo da Cia Marginal, “Qual é a nossa cara”, reconstrói um percurso afetivo onde o artista Wallace Lino encontra Derlei Pombel, bixa preta favelada pai de santo sua voz e existência nos entremeios do teatro, arquivos, audiovisual, ficções e realidades dessa lendária figura, Exú urbano, encruzilhadas de caminhos. O curta foi contemplado pelo edital Arte como Respiro: Audio visual, sendo exibido o Festival Arte como Respiro: Audio visual Itaú Cultural 2020.

11 *Experimento 10 anos de parada na Maré, uma declaração de amor ao LGBTQ+ da Maré* - foi criado com recursos da chamada Novas Formas de Fazer Arte e Cultura nas Favelas 2020, da Redes da Maré em parceria com o Itaú Cultural. As narrativas pesquisadas são apresentadas por meio de um experimento em que o usuário acessa conteúdos disponíveis em redes sociais e no site do Entidade. Acesso em: 21/03/2022 <https://www.youtube.com/watch?v=fXNIGfAcpG8>

12 *Noite das Panteras*: Sinopse - A Noite das Panteras faz parte de uma série de shows feitos por LGBTQIA+ da Maré entre as décadas de 80 e 90. Em 2021 voltamos ao seu início, a laje e suas múltiplas dimensões de convívio para afirmar que a Noite das Panteras está aqui! O curta fez parte da mostra Regional SESC Zona Norte 2021.

13 *Meu universo corpa*: O curta tem estreia prevista para 2022, foi criado com recursos do SESC Nacional. Sinopse: A corpa é o Manifesto do lugar seguro para LGBTQIAs negras e periféricas. O lugar onde o gênero feminino é expressão do amor feito de veias, sangue, ossos e medulas numa ação da materialização dos sonhos nas geografias das favelas e periferias do Rio de Janeiro.

14 Gilmara Cunha: Gilmara é ativista moradora da Maré, primeira mulher trans negra favelada condecorada em 2015, com a maior honraria do Estado, a medalha Tiradentes. Criadora do Conexão G, primeira ONG LGBTQ+ em espaços de favela e coordenadora do Centro de Promoção de Cidadania LGBTQ+ do Estado no Conjunto de Favelas da Maré.

Ela também conta que a Noite das Estrelas apresenta para ela ainda criança a possibilidade de uma existência performática de trânsito entre os gêneros. “Uma cena que muito me marca é que pequena eu assisti né, ela pá pá pá e aí uma delas abaixou e eu vi o saco aí eu não entendia e eu fico ué, ela tem saco”, disse.

Essa memória de Gilmara vai apresentar as multidimensões de quebra sistemática nas experiências dos shows na própria produção imaginária da existência de “mulheres com saco” apresentando para Gilmara novas possibilidades de interações e performatividades e existências de gênero.

Esta relação com novos sentidos disparados pelos shows da Noite das Estrelas não é apenas um estilhaço da normatividade, mas as artes negras LGBTQ+ de favela convidando todos a transacionar quanto comunidade, perfazendo novas possibilidades de convívio, na celebração produzida pelas corpas das artistas.

Com isso, é preciso articular este artigo através de novos sentidos de ver, ouvir e escrever, sendo assim insiro a cosmovisão africana como episteme que centraliza a escrita e o modo de olhar para *Noite das Estrelas*, este evento que estrutura na corpa os entremeios multiculturais, identitários, profusores de outros territórios, histórias, sujeitas e tempos. Crenshaw(2002) ao formular o conceito de *interseccionalidade*, apresenta a possibilidade de compreender as experiências de raça, gênero e classe pensadas fora da ótica de sobreposição, mas observando os entrecruzamentos, as conexões, as intersecções entre esses e outros marcadores sociais da diferença. É por meio dessas combinações de uma corpa que é o encruzo de múltiplos contextos que será possível observar e pensar a transculturalidade e inter dimensionamento artístico escrito na experiência da *Noite das Estrelas*.

Figura 01: Derley desfilando na rua.



Fonte: imagem cedida por Rosangela Nascimento carvalho, sua amiga, parceira de carnaval e filha de santo ao Entidade Maré.

Figura 02: Danda num show da Noite das Estrelas na Praça do XVIII.  
Em entrevista com Pantera ela afirma que Danda era a mais bonita da Nova Holanda.



Fonte: Arquivo pessoal de Pantera cedido ao Entidade Maré.

### Estrelas das águas

A Maré é um bairro da Zona Norte do Estado do Rio de Janeiro, à beira da Baía de Guanabara. O bairro é composto por um conjunto de 16 favelas, sendo elas: Baixa do Sapateiro, Bento Ribeiro Dantas, Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Conjunto Marcílio Dias, Morro do Timbau, Nova Holanda, Conjunto Nova Maré, Parque Maré, Parque União, Praia de Ramos, Parque Roquete Pinto, Parque Rubens Vaz, Conjunto Novo Pinheiro (Salsa e Merengue), Vila do João e Vila do Pinheiro.

A Maré é, sobretudo, uma ostentação do nosso poder na relação das reminiscências do território às exclusões históricas das experiências negras e dissidentes. A história de modernização da cidade do Rio de Janeiro e da extensão da performance racista dominadora do Estado, estabelece Paris como cidade de modelo arquitetônico, inspirados pela constituição da modernidade na até então capital do Brasil. O que marca a remoção de negros e pobres como estratégia das ações de expulsão do Estado para estas populações:

É evidente que os diferentes processos de ocupação das 15 localidades, a violência e as inúmeras modificações operadas pelo poder público na geografia da região, são fatores que geraram obstáculos à constituição do bairro da Maré enquanto um "lugar de memória" (NORA, 1993), onde as diferentes identidades e as inúmeras memórias dos moradores pudessem encontrar um ancoradouro. No entanto, esses fatores também podem ser percebidos, ainda que em graus diversos, na maioria das regiões da cidade tradicionalmente reconhecidas como bairros, o que não impediu a seus moradores desenvolver uma identidade com o lugar. Mas, ao contrário desses outros lugares, concebidos como partes integrantes da cidade, o bairro da Maré foi criado a partir da favela, espaço historicamente associado a tudo o que se opõe à vida urbana. A subjetividade, as memórias e o cotidiano dos moradores da região são marcados por esse estigma, que também permanece profundamente arraigado nas pessoas que vivem nesta cidade. (SILVA, 2006: 21)

É nesse processo de ocupação e negação que os espaços de favela vão se estruturando. Em sua monografia, Carolina Gomes cita alguns exemplos de resoluções do poder público, como o Plano de Reforma Urbana, concebido pelo engenheiro Alfred Agache na década de 20. Além dele, ocorreu, durante a era Vargas, o Projeto do Parque dos Proletariados e a criação da Fundação Leão XIII. Durante o golpe militar em 64, houve uma intensificação das remoções, nitidamente com o objetivo de controlar as classes populares, que há um tempo vinham se organizando e ganhando força. Somente na década de 90 a urbanização passa a ser vista pelo poder público como a melhor maneira de resolver o problema das habitações nas favelas do Rio de Janeiro; surge, então, nesse cenário, o Programa Favela-Bairro.

A efetiva ocupação da Maré ocorre entre os anos 40 e 80, quando os primeiros moradores se estabeleceram na área que hoje designa o Morro do Timbau, único local seco da Maré, já que toda área era um imenso manguezal. Esses primeiros moradores foram atraídos principalmente pela possibilidade de construir nesse local uma moradia, o que os aliviaria do fardo de pagar o aluguel em outro local (Guia de ruas da Maré – GRM, 2012). Fugiam, assim, dos cômodos e cortiços do centro da cidade. Com a construção da cidade Universitária da UFRJ, na época Universidade do Brasil, os trabalhadores da obra também se somaram a essa ocupação.

Nos pés do Timbau, durante a década de 40, inicia-se uma ocupação chamada “Favelinha do Mangue” de Bonsucesso, hoje chamada de Baixa do Sapateiro. O que chama atenção nessa ocupação é o fato de os moradores terem construído o próprio chão onde suas casas eram estabelecidas. Esse chão era construído de troncos gigantescos cravados sobre a Baía de Guanabara, as famosas palafitas. Casas que ainda hoje são símbolos de resistência para os moradores: “Os barracos de madeira eram sempre construídos à noite para escapar da repressão das forças policiais e da guarda municipal, que insistiam em não permitir a ocupação do local” (GRM, 2012: 45). Nesse mesmo momento, em uma região distanciada por uma área militar, num lugar chamado Praia da Moreninha, inicia-se um processo de ocupação da comunidade Marcílio Dias.

Outro momento das ocupações aconteceu durante a instalação das novas fábricas no entorno da Avenida Brasil, onde os trabalhadores, visando à proximidade do trabalho, construíram novas palafitas, consolidando, assim, o Parque Maré. Mais tarde, na década de 60, essa comunidade passou por um processo de aterramento com a construção de casas de alvenaria. Em 1956, mais pessoas chegaram à Maré, na área denominada Areia. Essa nova comunidade foi organizada com aterros, não mais palafitas. Mas, apesar da mudança no tipo de construção das casas, as ameaças de remoções permaneceram. Nesse mesmo processo de aterramento, realizado pelos próprios moradores, surge uma nova comunidade, onde na época havia uma antena de transmissão da rádio MEC, primeira rádio do Estado do Rio de Janeiro, fundada por Roquete Pinto, que batizará a comunidade.

No final da década de 50, surge a comunidade Praia de Ramos, estabelecida pelos pescadores do pequeno comércio de peixes. Eles construíram seus próprios aterros numa parte da Baía de Guanabara. Em 1957, houve um grande incêndio nas palafitas, que destruiu toda a comunidade. Porém, em 1962, os moradores reconstruíram-na, consolidando mais uma comunidade da Maré.

Diferentemente dos processos anteriores, no início dos anos 60, o governo de Carlos Lacerda, promove um aterramento de parte da Baía de Guanabara, para servir como um centro de habitação provisório (CHP). Esse centro

Noite das Estrelas:  
uma explosão de amor das grafias cosmopoéticas negras LGBTQ+ faveladas

receberia temporariamente pessoas vindas de outras favelas cariocas até serem realojadas para conjuntos habitacionais que estavam em construção na Zona Oeste da cidade. No entanto, isso não aconteceu, e esses assentamentos, com o tempo, formaram a Nova Holanda:

Para que os novos moradores adquirissem “novos hábitos” – limpeza, higiene, convivência – considerados mais apropriados pelo governo – os moradores sofreram muitos preconceitos e foram estigmatizados como “não civilizados” – instalou-se a Fundação Leão XIII e um posto de polícia que controlavam a vida local. Em 1984, um grupo de moradores (Chapa Rosa) assume a associação dos moradores – até então controlada pela Fundação Leão XIII – e garante uma série de melhorias – escolas, creches, postos de saúde, entre outras – e luta pela permanência da comunidade em sua área original. (GRM 2012:57)

A *Noite das Estrelas* nasce neste território onde sujeitas travam em seus cotidianos e realidades uma luta constante com a ideia desumanizadora. Apesar destas populações terem esta marca estabelecida nas relações com o Estado, a humanidade é irremovível e no caso da Maré, rota para estabelecer direitos básicos e políticas públicas na construção de um bairro com proporções e número populacional maior que muitos municípios brasileiros. Esta cidade criada no constante contato com as águas da baía de Guanabara; no constante movimento com o sonho de moradia renegado pelo racismo do Estado; no gesto que craveja nas estacas das palafitas a fundação de seus pertencimentos.

Esse lugar que já foi um arquipélago de ilhas e ainda encontra a presença das águas que seguem se movimentando, em 2022 ainda é possível ver nas paredes das casas de primeiro andar sua presença, onde a umidade revela infiltrações que vem do chão. Essas casas abrigam seu moradores e sonhos dos moradores entre eles as LGBTQ+ faveladas e suas interações performáticas que utilizam de gestos, dublagens, voz e canto para a execução das performances que assim como as águas seguem com as presenças e fluxos próprios, criando fendas que contém universos e constelações de experiências, memórias e existência de uma cultura LGBTQ+ negra brasileira sendo impossível permanecer nas casas, apesar da negação do sistema Cis normativo, as corpos LGBTQ+ Faveladas estão em todo lugar seus gestos e vozes rompem o repertório colonial rememorando em si uma escrita estilística elaborada nas diásporas nas intercomunicações negras comprometidas em substancializar a liberdade no seu mais profundo envolvimento com o existir onde seus gestos e vozes aglutinam na performance mundos, escritas e o próprio lugar da interdimensão assim como o que Leda Martins desenvolve no conceito “Performances da Oralitura”:

O significante oralitura, da forma que apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição verbal, mas especificamente, ao que em sua performance indica a presença de um traço residual, estilístico, mnemônicos, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Como um estilete, esse traço cinético inscreve saberes, valores, conceitos, visões de mundo e estilos. A oralitura é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos vôlejos do corpo. (Martins, 2003: 77)

Esta performance que traça diversas culturas âncora na corpa o caminho disruptivo da realidade e interligando outras noções de escrita da existência como um espaço habitado, que rompe os espaços de convívio domiciliar e



festas particulares, ocupando as ruas nas festas juninas organizadas por Ney<sup>15</sup>, na favela do Rubens Vaz. Ney era uma bixa preta, que cria na festa junina um dia para acontecer as performances LGBT+, após ser questionado por suas amigas que o ajudavam na confecção das fantasias, quando teriam o dia delas.

Posteriormente, Menga<sup>16</sup> Bixa, Pai de Santo, ligado ao carnaval, é uma das personagens que saltam desse evento. Batiza os shows performáticos como *Noite das Estrelas*. Conta-se que, quando não conseguiam articular uma estrutura de palco, Menga estimulava a todos a catarem caixotes de feira, criando uma espécie de tablado, local onde se estabeleciam as performances. A vida social, cultural e religiosa amalgamou as estruturas e poéticas em torno dos antigos shows. Destaco nessa relação que assim como Menga a maior partes das artistas e envolvidos com os shows que foram aparecendo nas entrevistas estão diretamente ligadas às religiões de matriz africanas, que pela cosmovisão africana apresenta a impossibilidade de olhar a vida pela perspectiva da divisão, a vida não é estabelecida por um fracionamento de áreas o que me leva ao entendimento que rito raça e sexualidade trazem sentidos e razões amalgamando nos shows uma cosmovisão do materializa também pelo invisível e pelas poéticas da imaginação:

A cosmopoética é a forma da primeira ecologia: uma ecologia dos sentidos e da imagine-ação pela qual pajés, mães de santo, bruxas neopagãs e outros mestres do invisível estabelecem um diálogo obscuro tecido de metáforas com o conjunto de tudo que vibra. (BONA, 2020: 11)

A *Noite das Estrelas* é um marco na história da Maré no que tange às existências de corpos LGBT+ em um território favelado. Na disputa entre vida e morte, o amor aqui se revela como espaço estabelecido pela vibração de sujeitas que celebram. A primeira ecologia operada por sujeitas que movem um diálogo com o invisível.

Figura 03: Pantera e Menga no final de um show na quadra do gato.



Fonte: Arquivo pessoal de Pantera cedido ao Entidade Maré.

15 Ney: Bixa preta, organizadora da festa junina do Rubens Vaz. Ela criou o primeiro show dentro da Festa Junina do Rubens Vaz.

16 Menga: Nordestina, pai de santo ligado ao carnaval, após ver o show na festa junina do Ney, articulou com o dono da favela o Jorge Negão, o patrocínio para pagar os shows e as artistas.

Figura 04: Moranguinho num show da rua Flávia Farnese, na Nova Holanda



Fonte: Arquivo do Conexão G, cedido ao Entidade Maré.

### **As ruas, escolas, quadras e paradas: nosso palco público**

Os shows da *Noite das Estrelas* aconteciam nas ruas ligados a experiências culturais como festa junina, samba, baile charme, baile funk ou de forma independente. Semelhante aos pensamentos da bacharel em Teoria do teatro, Caju (ou SANTOS, 2021) que ao construir o percurso da experiência negra na história do teatro brasileiro, vai apontar uma crítica ao convencionalismo do teatro, e da instituição de um pensamento social Cisnormativo que universaliza e reduz as experiências teatrais aos dramas brancos. Chamando atenção que rua sempre foi o palco negro.

O drama afrodiaspórico é a representação da vida por meio de um espetáculo que não se estabelece através de uma tradição literária, nem sob a ótica da branquidão. Enquanto o papel destinado a personagem negra na dramaturgia eurocêntrica e nos edifícios teatrais é o reflexo da subalternidade imposta também fora de cena, no drama negro da rua a oralidade é sustentação da escrita cênica de um espetáculo que confere protagonismo e autonomia. A performance negra é uma das tecnologias de enfrentamento ao epistemicídio (SANTOS, 2021: 13)

É no próprio espaço público que os shows eram realizados. É possível afirmar que nos shows, por meio de diversas performances organizadas e apresentadas por LGBT+ mareenses em diferentes modos, períodos, lugares formatos, envolvendo as comunidades de moradores do Rubens Vaz, Nova Holanda, Baixa do Sapateiro, posteriormente, todas as comunidades da Maré, expandindo para outras comunidades de fora da Maré, como Grotta e Parada de Lucas, circunscrevia-se a reivindicação do amor e de uma estética artística específica como resistência política.

As performances dos shows no mesmo tempo que rescindem uma identidade heteronormativa compulsória, reivindicam um espaço de experiências negras que agem comoagulhas materiais que se desprendem da realidade e nos

interligam às cenas atemporais de um passado, presente e futuro. Estas ligações e espiralamento dos tempos redesenham as experiências negras ao “conceber escrita e vivência, escrita e existência, e amalgamar vida e arte” (EVARISTO, 2020: 31)”.

Figura 05: Luciana num show no Brizolão Samora Machel, na Nova Holanda.



Fonte: Arquivos do Conexão G cedido ao Entidade Maré

Figura 06: Carlota num show na quadra da corações unidos, localizada na favela no Morro do Timbau



Fonte: Arquivos do Conexão G cedido ao Entidade Maré.

## Homenagear o passado movimento escrito no presente

As cosmovisões operam como sistematizações de vida diferenciadas do pensamento euro ocidental em suas produções capitalistas arraigadas nas políticas de capital e morte. A vida é conceito, assim como Leda Martins inspirada na concepção filosófica nagô/iorubá e na cosmovisão de mundo Banto, elabora o conceito de encruzilhada. A autora argumenta que a encruzilhada é um lugar das intermediações:

A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos em fim. (MARTINS, 2003: 69)

As corpas envolvidas nos shows estabelecem relação direta à ideia de encruzilhada através de seu poder transcultural. Elas cruzam diversos segmentos culturais distintos. Um exemplo é Derley, também pai de santo, que não fazia as performances mas participava da organização de alguns shows e também como jurado. Além disso, era destaque de diversas escolas de carnaval, o que possibilitava fazer anualmente uma performance com características particulares, saindo com as fantasias de carnaval. A rua inteira participava do desfile, um evento apoteótico para a época. A fantasia era mais um adereço que preenchia a performance feita por sua corpa, era ela que desenhava os gestos da imponentia dissidente que embaraça a normatividade.

A relação de celebrar as existências dissidentes do ontem e de hoje é o que torna esta escrita um registro da presença do “amor como ato político” o grito da favela que ecoa as “cosmopoéticas negras” marcadas nas epidermes de sua história no que tange o atravessamento histórico, racial, econômico, social, imagético e representativo associadas ao território da Maré no desencaminhamento da herança colonial, principalmente sob a emergência da Covid 19 que vulnerabiliza, amplia e reafirma a exclusão nas trajetórias dos corpos negros, negras, e negres favelados, de mulheres e LGBTQ+. Por isso, é importante fixar novas abordagens sobre a ideia da escrita pois na corpa são costurados multiversos fora dos pressupostos de neutralidade e distanciamento estabelecidos nos filtros do positivismo, alinhados às constantes supervisões do conhecimento tecnicista. Aqui, como já foi dito, a vida vivida borra as elaborações do contexto e dos conceitos utilizados no artigo.

É tudo experimento na borda das coisas, lá onde estamos prestes a dissolver as ficções de poder que nos matam e aprisionam; lá, aqui, todas essas geografias onde fomos saqueadas, e nos tornamos mais que aquilo-que -levavam; onde fomos machucadas, e nos tornamos mais que o efeito da dor; onde fomos aprisionadas e nos tornamos mais do que o cativo; onde fomos brutalizadas e nos tornamos mais do que a brutalidade. Lá, aqui, onde fomos assassinadas, e nos tornamos mais velhas que a morte, mais morta que as mortas, e nesse fundo — esse fora que não está fora como em dentro de tudo —, nesse cerne em que fomos colocadas, fecundamos a vida mais-do-que-viva, a vida emaranhada nas coisas (MOMBAÇA, 2021: 19)

Durante a entrevista de Madame, uma das artistas dos antigos shows, para a criação do filme performático *A Noite das Estrelas*. Após descrever sua trajetória, afirma sua gratidão a Deus e aos Orixás por ser uma travesti negra,

favelada, com seus sonhos realizados e encerra sua fala dizendo “Quando eu morrer na próxima encarnação eu quero voltar travesti novamente”.

Esse atravessamento feito na complexa teia da história brasileira, estabelece no pensamento social limítrofes entre conhecimento, lucro, vida, morte e sujeito, uma alienação histórica que descarta dos limites do seu pensamento a diversidade entre suas dobras. Quando retomamos a história de trajetórias como a da *Noite das Estrelas*, inserimos na memória diaspórica experiências que são nossas, escritas antes de nós. Somos um canal de reconhecimento dessa narrativa que se coletiviza e se aprofunda à medida que tecemos nela o reconhecimento da ancestralidade dissidente dentro da comunidade LGBTQ+ e no Brasil. Nessa relação que estreita as narrativas de sujeitas que com suas corpos despectuam acordos, descosem modelos e anulam estatutos universais do pensamento social. Assim como tocar nas narrativas e memórias da Noite das Estrelas e de suas protagonistas, aciona a relação de uma ancestralidade para corpos LGBTQ+ negres favelades, como afirma a atriz Jaqueline Andrade em entrevista à revista *Piseagrama*<sup>17</sup> 2021:

É ancestralidade na veia. E a minha ancestralidade não passa só por pessoas negras que foram escravizadas. Passa por pessoas que viveram antes de mim e que, porque elas viveram, eu vivo. Porque elas viveram muitas situações de violência ou não, que eu estou aqui podendo falar com vocês até. Então a minha ancestralidade vai além da minha bisavó. Vai de quem construiu o mundo para que eu pudesse estar nele. Isso é muito importante, essas pessoas são as minhas ancestrais. Elas podem não ter nenhuma relação carnal, sanguínea comigo, mas elas são minhas ancestrais também. Porque graças a elas eu posso virar para você e falar “eu sou uma mulher negra, sapatão, macumbeira, favelada, e está tudo bem. Eu sou isso e não tem ninguém que vai me tirar isso. Ninguém me tira o que eu sou. Então é muito importante para mim saber que essas pessoas existiram antes de mim. E por isso esse movimento é tão importante, é tão bonito estar podendo revisita-lo neste momento. (ANDRADE, 2021)

Essa vibração que tem poder de tecer e emaranhar, está escrita no final dos shows, um dos momentos mais emblemáticos a ser destacado. Todas as artistas eram convidadas para o palco e dublavam em coletivo a música “Ser de luz”, na versão de Alcione, em homenagem aos LGBTQ+ mortos.

Os antigos shows da *Noite das Estrelas* pautam a representatividade das corpos estilizando formas, seletividade e caixinhas no “aqui agora” da performance, na contramão dos padrões normatizados também nos espaços das artes e suas dificuldades de agregar raça, sexualidade e gênero como parte pilar das urgências contemporâneas. Como defende Meireles (2020):

Esses corpos/corpos/corpes, contudo, desassossegam as cenas artísticas institucionalizadas por questionarem uma, ou mais de uma, de suas normas, numa interseccionalidade que complexifica as posições. Elxs problematizam o gênero como imposição e questionam o desempenho de papéis sociais pré-determinados; são percebidos como racializados; desafiam a forma-corpo capaz; podem passar por processos migratórios, forçados ou não, e se enunciam pertencentes às classes populares em relação a um meio artístico majoritariamente frequentado por classes mais privilegiadas em termos de acesso aos bens culturais. (MEIRELES, 2020: 4)

<sup>17</sup> <https://piseagrama.org/amar-na-mare/>

Noite das Estrelas:  
uma explosão de amor das grafias cosmopoéticas negras LGBT+ faveladas

Figura 07: Fim de show na Praça do XVIII, Na Baixa do Sapateiro.



Fonte: Arquivo pessoal de Pantera cedidos ao Entidade Maré



Fonte: Arquivo pessoal de Pantera cedidos ao Entidade Maré8: Pantera na Quadra do Brizolão Samora

## Conclusão

As gatas da *Noite das Estrelas* construíram um legado material e simbólico, um caminho, entre tantos outros, que aponta para uma história que precisa ser contada coletivamente. Suas trajetórias nos fazem reconhecer que de uma corpa LGBTQ+ na Maré explodem narrativas que a história que se diz oficial não domina, e que ampliar cada vez mais a rede dessas narrativas é uma forma de acabar com essa pasteurização da nossa vivência. Traçar esse caminho por onde essas pessoas passaram – e por onde agora nós passamos, vivendo de um jeito diferente –, é pegar essa história pelo laço e não deixar ela morrer. É contar ela de novo, através da costura de narrativas que já estavam sendo criadas e faladas há muito tempo entendendo que “a negação da humanidade leva ao genocídio (BONA, 2020, p.76).

## Referências

AFFONSO, Matheus; ANDRADE, Jaqueline; LINO, Paulo Victor; LINO, Wallace. PROJETO ENTIDADE MARÉ. *Amar na Maré. Piseagrama*, Belo Horizonte, nº 15, 2021, p. 10-17.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony; WICHERS, Camila. O que é museologia LGBTQ? *Revista Memórias LGBTQ*, Ano 7, ed. 12, 2020.

BONA, Dénètem Touam. *Cosmopoéticas do refúgio*. Tradução Milena P. Duchiate, Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2002, vol.10, n.1, pp.171-188.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo – Anotações sobre Escrevivência*. Organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. --Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GOMES, Carolina Almeida. *A arte da pedagogia ou a pedagogia da arte - Um estudo de caso sobre a Cia Marginal*. Trabalho de Conclusão de Curso de Ensino do Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) Centro de Letras e Artes. 2013.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. *Vivendo de amor*. Tradução de Taísa Mendonça. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>

JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: A transgeneridade toma a palavra. *Revista Docência e Ciber Cultura*, 2019.

MARTINS, Leda Maria. *Performances da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória*.

Noite das Estrelas:  
uma explosão de amor das grafias cosmopoéticas negras LGBTQ+ faveladas

*Revista letras* número 26° Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. 2003. (26), 63–81.

MEIRELES, Flávia. *Corpos/Corpas/Corpes Dissidentes e a Cena Artística: Políticas da diferença*. In: *Moringa – artes do espetáculo*. Volume 11, número 1, 2020. p. 33-47.

*Memória e identidade da Maré* - Núcleo de Memória e Identidade, 2012.

MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. *Piseagrama*. Belo Horizonte, número 11, p. 20- 252017.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora/ Jota Mombaça Rio de Janeiro: Co-bogó* 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. *Texto e na narração do documentário “Ori” de Raquel Gerber*. 1989.

SANTOS, Carla Juliana Bezerra dos. *Pretofagia: monumento e cena como voz de fantasmas e lugar de afetos*. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em Estética e Teoria do Teatro) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro. *Maré a invenção de um bairro*. Dissertação Fundação Getúlio Vargas Centro de Pesquisa e Documentação de história contemporânea do Brasil- CPDOC. Programa de Pós Graduação em História Política e Bens Culturais – PPHPBC Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais, 2006.

### Entrevistas

Documentário Antes da Noite 2021. Filme de Paulo Victor Lino e Wallace Lino. Entrevistas Madame e Pantera

<https://www.youtube.com/watch?v=KoVp55PUq-Y>

Experimento 10 anos de parada na Maré, uma declaração de amor ao LGBTQ+ da Maré 2020. Filme de Paulo Victor Lino e Wallace Lino. Entrevista Gilmará Cunha

[https://www.youtube.com/watch?v=bouPZ\\_HZyB8](https://www.youtube.com/watch?v=bouPZ_HZyB8)